

Líderes pedirão mais atenção ao presidente

BRASÍLIA — Quando se reunir amanhã com os líderes partidários que o apoiam no Congresso, o presidente Fernando Collor ouvirá poucas manifestações de apoio. A maioria dos parlamentares promete chegar ao Palácio do Planalto fazendo cobranças. As outras críticas que tem recebido da sociedade civil, Collor responderá em rede nacional de televisão, confirmada mas com data ainda incerta.

"Vou dizer ao presidente que o Congresso existe, tem força e que não adianta dizer que ele é ruim", antecipa Ricardo Fiúza, do PFL. "O governo precisa nos ouvir", dirá Gastone Righi, do PTB. "Daqui por diante, tudo terá de ser conversado", proporá Amaral Neto, do PDS. Os líderes do governo Ney Maranhão (Senado) e Humberto Souto (Câmara) anunciam que participarão da reunião em silêncio.

Para atenuar o tom queixoso com que esses parlamentares pretendem chegar ao presidente, o ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, vai reuni-los hoje, a pretexto de organizar a pauta de conversas.

Certo de que o encontro com o presidente da República será fundamental para o inicio de um novo relacionamento entre o Congresso e o Palácio do Planalto, o deputado Amaral Neto antecipou ontem: "Eu não posso tratar de nada específico com o Passarinho enquanto não conversar com o presidente da República", declarou.

Conforme o líder do PDS, a nova convivência entre Collor e o Legislativo começará agora ou então não haverá convivência alguma. O deputado lembra que, por telefone, o presidente da República já assumiu o compromisso de consultar sempre as lideranças antes de mandar seus projetos para o Congresso.

Com um espírito tão beligerante quanto o da maioria dos líderes governistas, o do PRN, Arnaldo Faria de Sá (SP), pretende dizer a Collor que "quem vem para Brasília apoiar o governo não pode ser surpreendido dentro do plenário e em

cima da hora com o governo que deseja na votação de um projeto".

Faria de Sá pedirá ainda a Collor que mande seus ministros atenderem os telefonemas dos deputados, em vez de mandar as secretárias dizerem que não estão. Outra idéia do líder do PRN é a de que eles freqüentem mais o Congresso. "Tirando o Alceni Guerra (Saúde) e o Carlos Chiarelli (Educação), nenhum ministro sabe como é o Congresso."

O deputado Ricardo Fiúza (PE) tem trabalhado como principal articulador da montagem de uma base parlamentar de apoio ao governo. Ontem ele se encontrou rapidamente com a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, para acertar uma longa conversa com ela na quinta ou na sexta-feira, quando serão detalhadas as necessidades políticas do governo Collor.

Fiúza acredita que ainda há tempo para corrigir os erros cometidos e criar uma base parlamentar de sustentação. O deputado deixou claro que, para ter apoio dos políticos, Collor vai precisar mudar de atitude. "Quem quer co-participação tem de dar co-responsabilidade", observou, dando nova versão a uma frase sua que ficou famosa, no governo JOSÉ Sarney, de que "é dando que se recebe".

DESCASO

No mesmo momento em que o governo tenta se aproximar do Congresso, o deputado José Luís Maia (PDS-PI) foi vítima ontem de mais um descaso ministerial. Por sugestão do secretário executivo do Ministério da Economia, João Maia, o deputado telefonou para um tecnocrata da economia, para discutir um assunto de interesse do Piauí. Resposta da secretaria do tecnocrata: "Ele está nesse instante em reunião com o dr. João Maia". Reação do deputado: "É mentira, minha filha, porque eu acabei de falar com o João Maia e ele está em São Paulo": Mesmo assim o parlamentar não conseguiu falar com o tecnocrata.